

**Filosofia & Literatura, Linguagem literária & linguagem filosófica: entre
Sartre e Deleuze**

Gustavo Fujiwara¹

Vitória(ES), vol. 4, n.2
Agosto/Dezembro 2015

SOFIA
Versão eletrônica

¹ Doutor em Filosofia Francesa Contemporânea do programa de pós-graduação em filosofia da Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências humanas.

Resumo: Pretendemos, através da filosofia de Jean-Paul Sartre e de Gilles Deleuze, marcar o modo pelo qual ambos os pensadores compreendem a importância da literatura no desvelar-se da atividade humana face à atividade filosófica.

Palavras-chave: Devir, Intencionalidade, Linguagem, Literatura, Ontologia.

Resumé: Nous avons l'intention, à travers de la philosophie de Jean-Paul Sartre et de Gilles Deleuze, de marquer le moyen par le quel ces deux penseurs comprennent l'importance de la littérature dans le dévoilement de l'activité humaine face à la démarche philosophique.

Mots-clés: Devenir, Intentionnalité, Langage, Littérature, Ontologie.

Apresentação

Sabemos que, desde a filosofia contemporânea, a literatura se faz presente em seus anseios e desenvolvimentos. Ademais, filosofia & literatura vez ou outra, misturam-se, buscam retratar, à sua maneira, a existência dos homens. Se assim é, escolhemos para o presente texto dois filósofos que podem clarificar esta difícil relação. Difícil relação porque, no íntimo de cada uma delas, opera-se um *métier* muito particular que intenciona um vocabulário próprio. Todavia, se é verdade que ambas, como já fora dito, vislumbram em seu horizonte o conflito da existência humana, talvez seja possível estabelecer entre elas uma *vizinhaça comunicante*² ou, em outros casos, uma orientação de uma pela outra. Mas voltemos para os dois filósofos escolhidos. De um lado, o filósofo da liberdade absoluta, fenomenólogo, Jean-Paul Sartre. Do outro lado, o filósofo da diferença, das vibrações do rizoma, Gilles Deleuze. Pensadores contemporâneos que potencializam o pensamento nas tramas do saber literário, dois intelectuais que não ignoram as amplitudes forjadas pela arte.

Ao tomarmos de antemão o fato de que a arte permeia as inquietações intelectuais de nossos filósofos contemporâneos, procuraremos através do itinerário preciso de algumas obras - sobretudo *Qu'est ce que la littérature* (1948) e *Crítica e Clínica* (1993) - ampliar a maneira pela qual ambos utilizam a literatura no pensar filosófico, revelando, com isso, as frágeis fronteiras entre os saberes ditos humanos. Intencionamos no presente texto, uma investigação de demarcações, limites, formas de discurso, formas de saber,

² Expressão forjada pelo professor Franklin Leopoldo e Silva.

que, no fim, confluem para o drama da existência, colidem no reverberar das inquietações da vida. Filosofia & Literatura, linguagem artística & linguagem filosófica, não necessariamente nessa ordem, são nossos objetos de análise à guisa de dois grandes pensadores contemporâneos, mais, dois pensadores cujos problemas e interesses, por mais particulares e diferentes que sejam, assumem, cada qual à sua maneira, a importância da literatura no seio da vida.

Feita esta pequena apresentação, procuremos definir a metodologia de nosso presente estudo. O texto dividir-se-á em três momentos nos quais iremos primeiro, expor as teses sartreanas, concomitantemente, no segundo momento, as teses deleuzianas e, por fim, algumas considerações sobre ambos os autores em questão. Tecidas as devidas considerações estruturais e metodológicas, debruçemo-nos nos textos.

Sartre, fazer filosófico e fazer literário. Entre dois polos da linguagem

A fim de emprendermos uma investigação circunscrita e recortada do exame da literatura passada pelas lentes filosóficas, tomemos, de antemão, a premissa de que o ensaio crítico *Que é a literatura?* pode ser compreendido pelo mecanismo constitutivo estabelecido em outro texto do autor, chamado *A Transcendência do Ego – Esboço de uma descrição fenomenológica* (1934). Entendamo-nos. N'A *Transcendência do Ego*, doravante *TE*, Sartre estabelece a espontaneidade radical da consciência irrefletida, ou seja, a consciência operará por meio deste dispositivo que faz com que ela transcenda a si mesma, rumo ao objeto transcendente. A forma pela qual a consciência irrefletida põe o mundo, é na forma da apreensão de um objeto qualquer. Por consciência, devemos entender a instância última que põem e apreende o mundo pela visada intencional. O ineditismo da fenomenologia é asseverado através deste mecanismo constitutivo da intencionalidade que opera o esvaziamento da consciência, torna-a translúcida, clara como um vento, vazia, um constante transcender.

Já podemos imaginar, não sem surpresas, que a consciência dispensará qualquer tipo de egologia, tornar-se-á pré-pessoal ou se se quiser, impessoal, sem Eu. A surpresa, nos quadros do ensaio, decorre do fato de que a consciência dispensa qualquer sujeito, não há qualquer resquício de um Ego unificador; Sartre, na década de 30, opera com isso a morte do sujeito. Destarte, a consciência dispensará qualquer tipo de unificação que lhe seja exterior, sua transcendência dará a síncope de sua ação no mundo, ao se transcender rumo ao objeto intencional ela, no mesmo processo, apreenderá a si mesma não-

téticamente. Consciente de ser consciência dos objetos e de si, a consciência, totalmente galvanizada pela intencionalidade, será uma liberdade em estado puro, deixará de ser um recipiente onde os objetos se depositam e a preenchem. Ah, filosofia alimentar!, como declarará nosso autor em outro texto, não menos importante e cujo título e estilo, poderiam enquadrar-se na estilística dos panfletos revolucionários da guerra. *Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade* (1947), agrupa em poucas linhas todos os inimigos a serem combatidos: filósofos, psicólogos e romancistas da vida interior, evocando o Espírito-Aranha que atraía as coisas para sua teia, cobrindo-as de uma baba branca e, paulatinamente, deglutindo-as, reduzindo-as às suas próprias substâncias:

O que é uma mesa, um rochedo, uma casa? Um certo composto de ‘conteúdos de consciência’, uma ordem desses conteúdos. Ó filosofia alimentar! Entretanto, nada parecia mais evidente: a mesa não é o conteúdo atual de minha percepção? Minha percepção não é o estado presente de minha consciência? Nutrição, assimilação. Assimilação, dizia Lalande, das coisas às ideias, das ideias entre elas e dos espíritos entre eles. As poderosas arestas do mundo eram amparadas por essas diligentes diástases: assimilação, unificação, identificação.³

Sartre professa seu mal-estar diante do quadro da filosofia francesa que perdurara, segundo ele, por mais de cem anos com as práticas desta filosofia alimentar que fazia da consciência um recipiente, aonde os objetos vinham se depositar. Evocamos este pequeno panfleto porque é preciso ver nele a tese fundamental da fenomenologia husserliana que livra, por assim dizer, a filosofia das arestas da representação da filosofia digestiva. Não podemos dissolver as coisas na consciência, torná-la pesada, opaca, viscosa, enfim, com a intencionalidade mundo e consciência são dados de uma só vez, num único golpe. Filosofia, psicologia e a literatura são infestadas pelo culto da interioridade, pela tentação da autoanálise, por isso, é preciso reparar que na Intencionalidade, o filósofo pretende devolver ao mundo e à consciência seus respectivos lugares. A árvore que vemos, devolvida à estrada, está em meio à poeira, solitária; a geografia das coisas no mundo é restituída e esta árvore, esta estrada, aquela poeira, não conseguiriam entrar na consciência, pois elas não partilham a mesma natureza que a consciência, doravante,

A consciência e o mundo são dados de uma só vez: por essência exterior à consciência, o mundo é, por essência, relativo a ela. É que Husserl vê na consciência um fato irreduzível, que nenhuma imagem física pode exprimir. A não ser, talvez, a imagem rápida e obscura da explosão. Conhecer é ‘explodir em direção a’, desvencilhar-se da úmida intimidade gástrica para fugir, ao longe, ao além de si, em direção ao que não é si mesmo, para perto

³ SARTRE, 2003, p. 81

da árvore e no entanto fora dela, pois ela me escapa e me rechaça e não posso me perder nela assim como ela não pode se diluir em mim: fora dela, fora de mim.⁴

Este pequeno trecho clarifica o modo pelo qual Sartre assumirá sua filosofia, ela passará pelo expediente da intencionalidade da consciência que prevê seu esvaziamento, sua constante transcendência em direção aos objetos, enfim, a fenomenologia lida através das lentes sartreanas, deverá expurgar o modelo da representação clássica, da epistemologia, substituindo-os pela visada intencional de apreensão do mundo. Voltando para *TE*, havíamos afirmado que a *démarche* filosófica operava, agora no registro do Ego, uma total limpeza da consciência e do campo transcendental impessoal. Notamos também que a intencionalidade (modo da consciência colocar o mundo sob a forma de um objeto qualquer) é revista por uma liberdade que lhe é intrínseca. Entrementes, a filosofia de Sartre afirma, ancorada na noção de intencionalidade, a liberdade da consciência sem sujeito, a liberdade do campo transcendental.

Ora, o leitor ao ler estas linhas, pode se perguntar sobre o sentido de tudo isso que falamos com a literatura em Sartre. Pois bem, marquemos nossa posição acerca disto. O ensaio crítico-filosófico *Que é a literatura?* bem como os inúmeros romances de Sartre, podem ser examinados à luz desta definição de consciência como livre transcender em direção ao objeto, cuja lei eidética “toda consciência é consciência de...” assevera a liberdade que nos atravessa de ponta a ponta. Mais, o próprio engajamento pode ser lido por este dispositivo intencional e, com isso, enriquecer e alargar suas dimensões para além do seu uso político, como se costuma empregar frequentemente. O ensaio sobre o ego transcendente se apresenta como uma chave de leitura do ensaio sobre a literatura e também dos romances sartreanos; nisso já podemos vislumbrar uma primeira relação entre filosofia e literatura. Ademais, *Que é a literatura?*, lido sob o ângulo deste dispositivo fundamental da fenomenologia, dá a entender que a literatura deve operar também uma limpeza do campo transcendental de seus personagens, deve eximir a consciência da viscosidade protoplasmática da interioridade que contamina tanto o romance quanto a filosofia, deve, à sua maneira, repetir o jargão fenomenológico que assevera: ***toda consciência é consciência de um objeto qualquer***. Façamos uma última, mas não menos importante ressalva sobre o panfleto fenomenológico de nosso filósofo. Lá, esboçar-se-á um novo tratado sobre as paixões humanas. Não será o sujeito que atribuirá por processos subjetivos uma qualidade ao objeto, antes, o modo desinencial de

⁴ SARTRE, 2003, p. 88

aparição do objeto que informará sua qualidade. O amor, o ódio, o terror, o medo, a simpatia, serão apenas maneiras de descobrir o mundo, qualidades desinências próprias dos objetos. Um passo a mais na erradicação da interioridade, “a consciência está assegurada de esperar as coisas como elas são por si mesmas, ‘clara como um grande vento’, ela não têm nem forma, nem conteúdo a lhes emprestar”⁵. São os próprios objetos que se apresentam a nós com suas qualidades próprias, a consciência, pura consciência de ser consciência dos objetos, não lhes atribui qualidade alguma ⁶. Doravante, veremos reaparecer este tratado das paixões nos romances de Sartre. Afinal, a experiência limítrofe de Roquentin, por exemplo, culmina na evidência radical da existência de uma consciência totalmente livre em face dos objetos mundanos. A náusea sofrida pelo herói, sinal da contingência que atravessa cada atitude tomada em face do mundo, é também a contingência de uma consciência livre que assevera a radical liberdade de nossas ações.

Sublinhamos que para Sartre a filosofia e a literatura são duas formas diferentes de expressar a condição humana. No entanto, o ensaio crítico sobre a literatura parece agenciar elementos filosóficos para uma melhor compreensão da atividade literária. Grosso modo, a intencionalidade, ônus da descoberta fenomenológica de Husserl, estará presente no modo pelo qual Sartre vê a atividade literária. É preciso evitar aqui qualquer mal-entendido, expliquemo-nos. Quando dizemos que Sartre parte da filosofia para construir ou analisar a literatura, não estamos dizendo que seus romances são apenas formas mais simplificadas de explicar a difícil e complicada filosofia. Não, não é isso! Queremos apenas apontar que a filosofia pode trazer elementos necessários para que a literatura se desenvolva a partir de si mesma e a literatura, por seu turno, pode desenvolver temas que serão enrijecidos pelo discurso técnico do filósofo. Assim, no horizonte da produção filosófica e da produção literária, nos deparamos com o mesmo homem atravessado pela incompletude, pelo desejo de ser, pelo nada cravado por sua essência, pela falta, pela busca de sentido de sua vida que é sua tarefa própria. Filosofia & literatura partilham deste mesmo para-si e buscam, cada uma por seu estilo próprio de significação, comunicar o drama da existência, detalhar o máximo possível a experiência do homem no mundo.

⁵ COOREBYTER, 2002, p. 128

⁶ Para melhor reforçar esta nova teoria das paixões instaurada pela fenomenologia, lemos: “São as coisas que subitamente se desvendam para nós como odiáveis, simpáticas, horríveis, amáveis. Constitui uma *propriedade* dessa máscara japonesa ser terrível – uma inesgotável e irredutível propriedade que constitui sua própria natureza -, e não a soma de nossas reações subjetivas a um pedaço de madeira esculpido. Husserl reinstalou o horror e o encantamento nas coisas”. (SARTRE, 2003, p. 89).

A prosa literária operada pelo signo procede em sentido múltiplo, cada frase contém em si outras frases, o escritor, pelos signos, significa ao seu leitor uma ideia subjetiva, a linguagem filosófica, por seu turno, é técnica e precisa, o filósofo opera uma pura comunicação, comunica seus pensamentos pelo rigor e pela técnica que investe aos signos. Todavia, ambas significam algo, ambas designam o objeto transcendente, enfim, ambas operam o desvelamento do mundo. Na literatura, esse desvelamento é feito por ultrapassagem, a prosa coloca o possível do real, o para-além do real, aquilo que não é, mas que pode ser, daí a outra face do engajamento: desmistificar a situação história do homem mostrando-lhe outras possibilidades. O escritor engajado, fazendo uso dos signos, deve desmistificar o homem ao próprio homem, dissolver seus mitos e fetiches com banhos de ácidas críticas. A literatura é o espelho crítico de uma época, ela narra as aventuras do homem imerso em sua situação, ela deva colocar em prática e singularizar a experiência das leis da consciência, figurar e estilizar a facticidade própria do para-si em detrimento ao em-si. Se a fenomenologia universaliza a experiência da consciência, a prosa ilustra e singulariza esta experiência que poderia permanecer uma lei eidética abstrata. Estes dois estilos de escritas denunciam, cada qual à sua maneira, a preocupação *par excellence* de nosso filósofo escritor, qual seja: a constante liberdade que nos atravessa de ponta à ponta, o drama na existência.

Em *A Náusea* (1938), Sartre trabalhará de acordo com o que dissemos. Roquentin universaliza as leis eidéticas da consciência, vai descobrindo a falsa interioridade que nele habita, vai diluindo a ideia de *homo psychologicus* para tornar-se a encarnação extremada das análises do pensador francês. Roquentin, experimenta no nível da humanidade toda, a experiência da consciência pré-pessoal, ele prova a espontaneidade da consciência, do contato radical com a existência, seus progressos na existência se marcam por uma marginalização progressiva que se dá pela desconstrução de seu Eu até a apreensão dos objetos em carne e osso. O herói do romance desvela sua nudez existencial em face da nudez do mundo, ele experimenta a contingência como fato existencial cravado no cerne das coisas e de si mesmo. Examinemos de perto o acordo da doutrina filosófica com o romance supracitado:

O alinhamento das paixões sobre o registro da percepção têm por consequência liberar o sentido objetivo das coisas, de dar ao objeto as propriedades que se reduz dele ordinariamente por um suporte de reações subjetivas. (...) Se os sentimentos não são idiossincráticos, eles não apresentam mais nada de íntimo ou de psíquico a projetar sob os entornos para ler neles o reflexo de nossos estados de alma: o mundo se revela tal como ele é em si mesmo, são as coisas que se revelam de repente a nós como odiáveis simpáticas ou horríveis. É isso que a fenomenologia assim compreendida responde aos

pressentimentos de Sartre, e acorda admiravelmente com o programa literário assinalado à *A Náusea*. Notar-se-á que nós falamos de *acordo* entre a doutrina e o romance, e não de uma influência do primeiro sobre o segundo.⁷

As relações entre a filosofia e a literatura esclarecem as possibilidades do autor no que tange ao desvelamento do mundo. O filósofo Sartre pode esclarecer as condições de possibilidade de realizações do romance, o escritor Sartre pode amplificar seus temas existências precedendo sua filosofia. Este vai-e-vem de estilos mostra que as obras literárias postulam esquemas que depois, poderão encontrar na filosofia sua tradução conceitual e teórica. O discurso filosófico em Sartre pode encontrar seu melhor acabamento na literatura e a literatura, pode ver-se rigorosamente formulada pela técnica discursiva filosófica. Portanto, não se trata de uma primazia de um sob o outro, trata-se, muito além, de dois meios de decodificação do real, de duas maneiras muito próprias de realizarem o encontro do homem com o homem; trata-se sempre para Sartre da facticidade do homem em face de sua liberdade monstruosa.

Desde já, o ensaio crítico *O que é a literatura?*, em toda sua amplitude, configura-se como uma teoria do romance cuja fatura maior é aquela que diz respeito ao engajamento lido sob a clivagem do mecanismo constitutivo da consciência, ou seja, a liberdade do ato de escrever acrescida da liberdade de ler, formam um correlativo dialético capaz de não só reviver as palavras em estado de latência, mas, e sobretudo isso, possibilitam a irrupção dos possíveis do real; nomear é identificar e também ultrapassar as coisas. A literatura no pensamento sartreano, é um dos tantos dispositivos (filosofia, biografia existencial, teatro de situações) que operam com e pela liberdade. Entrementes, exercício que convoca liberdades, a literatura guarda em seu cerne a possibilidade de compreender o mundo e o homem, ela instaura um acordo mútuo entre dois polos cujos frutos crescem quando decide-se, por um lado escrever e, por outro, ler.

Deleuze: A literatura é exercício de saúde

Deleuze, por sua vez, tangencia a filosofia com a literatura; a arte se mostra ao filósofo sempre como um instrumento privilegiado para levar a cabo a investigação do pensamento, da orientação e do sentido deste pensamento. No sentido inaugural de uma nova teoria do pensamento a partir da arte, vislumbraremos um novo sentido à palavra estética, cindida, desde Kant, por um lado, em uma teoria da arte e, por outro lado, por

⁷ (COOREBYTER, 2003, p. 142)

uma teoria da sensibilidade. A estética, reordenada e recuperada em seus dois sentidos, se definirá no pensamento deleuziano como a doutrina da “ativação” do pensamento pelos signos, pelo encontro violento com o fora e pela própria relação entre as faculdades. Notemos, não obstante, que este agenciamento da literatura faz com que os conceitos filosóficos operem uma aliança, desenhando novas relações com outras forças, criando um *devoir filosófico da literatura*, em *Crítica e Clínica*, no ensaio “A literatura e a vida”, encontraremos bem formulada a escrita como *devoir*, lemos:

Escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida. A literatura está antes do lado do informe, ou do inacabamento, como Gombrowicz o disse e fez. Escrever é um caso de *devoir*, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do *devoir*: ao escrever, estamos num *devoir*-mulher, num *devoir*-animal ou vegetal, num *devoir*-molécula, até num *devoir*-imperceptível.⁸

A escrita e a literatura não são para Deleuze uma mera ficção, produção de entidades fictícias, personagens ou situações. Elas, ao contrário, criam vida, abrem à vida novas possibilidades, instauram e traçam linhas de vidas possíveis. A literatura é sempre um poder de *devoir* outro, a criação perceptual ou afetiva de vida para além do vivível e do vivido. Poderíamos arriscar que tanto a filosofia como a literatura, extirpam a imagem dogmática do pensamento, engendram o pensar no pensamento, liquidam com a *bêtise*: tema amplamente tratado amplamente no capítulo terceiro de *Diferença e Repetição* (1968). Lemos:

A besteira não é a animalidade. O animal está garantido por formas específicas que o impedem de ser “besta”. Foram frequentemente estabelecidas correspondências formais entre o rosto humano e as caras animais, isto é, entre diferenças individuais do homem e diferenças específicas do animal. Mas, assim procedendo, não se dá conta da besteira como bestialidade propriamente humana. Quando o poeta satírico percorre todos os graus de injúria, ele não permanece nas formas animais, mas empreende regressões mais profundas, dos carnívoros aos herbívoros, e acaba por desembocar numa cloaca, num fundo universal digestivo e leguminoso. Mais profundo que o gesto exterior do ataque ou o movimento da voracidade, há o processo interior da digestão, a besteira nos movimentos peristálticos. Razão pela qual o tirano não é apenas um cabeça de boi, mas de pera, couve ou de batata.⁹

Direções infinitas de vidas possíveis, *devoir* outro, a série incontável das possibilidades, tudo isso assevera que a literatura só se instala “descobrimo sob as aparentes pessoas a

⁸ DELEUZE, 1997, p. 11

⁹ DELEUZE, 2009, p. 147

potência de um impessoal”¹⁰, que não é, de maneira nenhuma uma generalidade, mas uma singularidade em seu mais alto grau, afinal, o exercício de vida da literatura só brota no escritor quando, no fundo dele, nasce uma terceira pessoa; o criador literário faz viver o possível, *advém-outro*. Se o filósofo é um criador de conceitos, o artista, por sua vez, pensa e cria através de formas expressivas, o artista dispersa a neblina pragmática da vida, o mundo deve deixar de servir para devir expressivo, é isso que a arte pede, é na dissolução das instituições sociais, culturais e até mesmo políticas que o escritor *advém-outro*, o mesmo serve ao filósofo do devir.

Partir, traçar uma linha de fuga, evadir-se, eis o devir-outro que a literatura tece no seio de sua produção, deixar a vida escapar às suas limitações culturais, políticas e históricas, deixar a vida correr no devir outras vidas, deste modo:

Escrever não é contar as próprias lembranças, suas viagens, seus amores e lutos, sonhos e fantasmas. Pecar por excesso de realidade ou de imaginação é a mesma coisa: em ambos os casos é o eterno papai-mamãe, estrutura edipiana que se projeta no real ou se introjeta no imaginário.¹¹

Contudo, o escritor inspira a si mesmo a partir do vivido, parte de suas lembranças íntimas, de seus sonhos e de suas observações, toma como matéria pulsante a própria vida. Parte delas para ultrapassá-las, para aceder a um devir-outro, para atingir, em suma, percepções e afetos que nada devem ao sujeito que as sentiu ou experimentou outrora. Pela escrita sempre renovada, o escritor faz emergir novas sintaxes, novas gramáticas, inventa na língua uma nova língua para falar com Proust¹². O devir outro da língua é sempre uma forma radical de reverberar as imagens dogmáticas do pensamento, de fazer o pensamento pensar no encontro devastador com o fora. Aliás, aquele que faz filosofia, não permanece aquém deste encontro; desde *Empirismo e Subjetividade* (1953), Deleuze, outrora, já apontava com Hume o advir sujeito no espírito graças ao encontro com o fora. O encontro com o fora, que na literatura passa pela potência da função fabuladora, dispositivo teórico bergsoniano *par excellence*, irrompe aqui para tornar claro que não há literatura sem fabulação e este dispositivo, por sua vez, não consiste em imaginar e tampouco em projetar um eu, ele se estende até os devires ou potências. Nesta senda,

¹⁰ DELEUZE, 1997, p. 13

¹¹ DELEUZE, 1997, p. 13

¹² “A língua tem de alcançar desvios femininos, animais, moleculares, e todo desvio é um devir mortal. Não há linha reta, nem nas coisas nem na linguagem. A sintaxe é o conjunto dos desvios necessários criados a cada vez para revelar a vida nas coisas.” (DELEUZE, 1997, p. 12).

somos obrigados a assinalar que a criação literária é sempre o efeito de uma tensão, de um desequilíbrio gramatical do devir outra da língua.

O filósofo em comento, quando evoca a literatura para iluminar a filosofia como, por exemplo, em *Proust e os signos* (1964), almeja uma expressão maior da linguagem filosófica. A literatura ilumina seu pensamento filosófico, possibilita construir uma nova Imagem do Pensamento. A ativação do pensamento pelos signos, pode muito bem nos dar um exemplo claro desta ocorrência. Proust, em sua busca de um tempo perdido, mostrará que o pensamento é forçado a pensar quando se choca com os signos, ele teria observado que o erro da filosofia é pressupor nos sujeitos uma boa vontade de pensar, um amor natural pela verdade. A análise da obra proustiana desenvolve o tema do encontro do sujeito com o fora, onde Deleuze rastreia uma síntese transcendental da memória em detrimento à dimensão empírica do tempo; é notável que a *démarche* literária seja aproveitada pela filosófica. Ainda assim:

Deleuze não toma Proust como filósofo, nem tampouco a arte como filosofia, ou vice-versa. E está aí talvez uma das principais originalidades presentes nessa monografia de Deleuze. Pois, se mais uma vez trata-se de responder à questão genética da origem do pensamento, de encontrar os elementos que permitam pensar, que fornecem a pensar, trata-se de encontrar os elementos que nos apresentem uma nova imagem do pensamento, elementos, enfim, que dizem respeito estritamente à filosofia e ao exercício do pensamento, isso agora *já não se dá mais a partir da filosofia enquanto tal, e sim de fora dela*.¹³

A Imagem do Pensamento, na obra sobre Proust, ganha um aprofundamento crítico que agora, para além da filosofia, é operada a partir da não-filosofia, mas da literatura. Trata-se ali de ligar a filosofia à não-filosofia, de criar uma interferência criativa entre esses dois planos e, por conseguinte, renovar e advir a nova Imagem do Pensamento à partir desta intersecção. Nos quadros do pensamento deleuziano, vemos, incessantemente a ocorrência do fazer literário no fazer filosófico. Entrementes, não somos autorizados a confundi-los: a filosofia cria conceitos, engendra no pensamento o pensar. No que concerne à literatura, ela cria outras línguas a partir da língua, ela é criação de sintaxe, limite assintático, força a língua até os limites do indizível. Todavia, ambas partilham do compromisso da nobreza, do alto em detrimento ao vil e baixo.

Sartre e Deleuze: brevíssimas considerações

¹³ MACHADO, 2009 p. 172

Observamos as relações produzidas com a literatura no itinerário intelectual de dois grandes filósofos da contemporaneidade. Sartre, produz uma literatura capaz de desvencilhar dos homens suas situações históricas abrindo-lhes um mundo de possibilidades. Para ele, a literatura através dos signos deve nomear as coisas e desmistifica-las. O processo literário é sempre um processo de puro engajamento consciente partilhado tanto por quem escreve quanto por quem lê. Esse correlativo dialético de pura gratuidade e generosidade é o ponto máximo no encontro de duas liberdades individuais, a mais generosa das relações que se pode estabelecer entre dois homens livres. A prosa, ao nomear o real, abre os caminhos possíveis, faz com que o sujeito tome consciência de sua época estando consciente de si mesmo.

No tocante a Deleuze, pudemos vislumbrar uma atividade literária que força a linguagem a advir outra, força-a a flertar com o indizível. Ou seja, trata-se de uma profunda inspiração recebida da atividade literária, dos processos de criação e da poética artística, e em tudo a ligação do pensamento deleuziano com a literatura difere de um uso somente instrumental, ou seja, de uma simples ingenuidade de colocar a literatura a serviço da filosofia. O que liga a filosofia à literatura e às artes em geral, é a perspectiva de uma relação efetiva de criação conceitual, ele encontra nelas (nas artes) um elemento constitutivo do pensamento. Se considerarmos que o pensamento deve ser “ativado”, e ativado necessariamente pelo encontro com o fora, será o fato intrínseco de reconhecer na literatura um verdadeiro operador transcendental no pensamento que o leva a pensar pelo encontro com o fora. Ademais, como o próprio Deleuze afirmará na obra *A Imagem-Tempo* (1985), a filosofia é eminentemente pluralista, sem nenhum tipo de distinção qualitativa ou hierárquica entre o saberes:

(...) a teoria filosófica é uma prática, tanto quanto seu objeto. É uma prática dos conceitos, e é preciso julgá-la em função das outras práticas com as quais ela interfere. Uma teoria do cinema não é “sobre” o cinema, mas sobre os conceitos que o cinema suscita, e que estão também em relação com outros conceitos correspondentes a outras práticas, a prática dos conceitos em geral não tendo nenhum privilégio sobre as outras, do mesmo modo que um objeto também não tem sobre os outros. É no nível da interferência de muitas práticas que as coisas se fazem, os seres, as imagens, os conceitos, todos os tipos de acontecimentos.¹⁴

Não obstante, na diferença de ambas as filosofias, é preciso concordar com uma coisa: tanto Deleuze quanto Sartre produzem o encontro da filosofia com a literatura a partir de uma necessidade maior de compreensão das atividades humanas, vislumbrando a

¹⁴ DELEUZE, 1985, p. 365

singularidade e a importância da literatura nesta tarefa. Literatura & filosofia tecem, cada qual com sua *démarche* própria, a superação do homem pelo homem, fortificam as potências vitais da vida humana no encontro com o radicalmente novo. Sobremaneira, ao recortarmos a vasta obra desses dois autores em questão para a produção deste texto encontramos, maravilhados, as frágeis fronteiras entre o dizível e o indizível, nos deparamos com as próprias tramas da existência. Por fim, gostaríamos de encerrar lembrando a fala de um pequeno vídeo do cineasta Jean-Luc Godard em “*Je vous Salue, Saravejo*”, lê-se:

De certa forma, o medo é a filha de Deus, redimida na noite de sexta-feira. Ela não é bela, zombada, amaldiçoada e renegada por todos. Mas não compreenda mal, ela cuida de toda a agonia mortal, ela intercede pela humanidade. Pois há uma regra e uma exceção. Cultura é a regra e a arte a exceção. Todos falam a regra: cigarro, computador, camisetas, televisão, turismo, guerra. Ninguém diz a exceção, ela não é dita, é escrita: Flaubert, Dostoievski. Ela é composta: Gershwin, Mozart. É pintada: Cézanne, Vermeer. É filmada: Antonioni, Vigo.¹⁵

REFERÊNCIAS

- DE COOREBYTER, Vincent. *Sartre face à la phénoménologie: Autour de “L’intentionnalité” et “La transcendance de L’ego”*. Bruxelles: Éditions OUSIA, 2000.
- DELEUZE, Gilles. *A Imagem-Tempo*. São Paulo: ed. Brasiliense, 1985.
- _____. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.
- _____. *Diferença e Repetição*. Trad. Luiz Orlandi; Roberto Machado. Rio de Janeiro: ed. GRAAL, 2009.
- _____. *Empirismo et subjectivité: Essai sur la nature humaine selon Hume*. Paris: PUF, 1993.
- _____. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Piquet; Roberto Machado. Rio de Janeiro: ed. Forense Universitária, 2003.
- GODARD, Jean-Luc. *Je vous Salue, Saravejo*. Paris, 1993 (filme).
- MACHADO, Leonardo Maia Bastos. *A Formação no conceito de Imagem do Pensamento na filosofia de Gilles Deleuze*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC, 2009.
- SARTRE, Jean-Paul. *La transcendance de L’Ego et autres textes phénoménologiques*. Textes introduits et annotés par V. de Coorebyter. Paris: Vrin Éditeur, 2003.
- _____. *Qu’est ce que la littérature?*. Paris: Éditions Gallimard, 2008.
- _____. *La nausée*. Paris: Éditions Gallimard, 2012.
- _____. “Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl: L’intentionnalité” In: *Situations I*. Paris: Gallimard, 1947.

¹⁵ GODARD, 1993